

## **FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS REFERENCIAIS – UMA REDISCUSSÃO DOS CRITÉRIOS DE ANÁLISE**

**Antonia Suele de Souza Alves Pereira<sup>1</sup>**

sueleufc@gmail.com

**RESUMO:** Neste artigo, reconsideramos os critérios que caracterizam as funções discursivas dos processos anafóricos a partir da análise de anúncios publicitários, tendo como ponto de partida o quadro de funções discursivas sugerido por Ciulla (2008). Tomamos como pressuposta uma perspectiva cognitivo-discursiva da referenciação, através da qual, tem sido ampliada a concepção de anáforas. Uma abordagem discursiva para a análise de processos referenciais deve considerar não apenas a expressão referencial em si, mas o conjunto de elementos contextuais convocados para a negociação sociocognitivo-discursiva dos referentes. Partindo desse pressuposto, julgamos necessário realizar uma rediscussão dos critérios utilizados para a análise das funções discursivas desempenhadas pelos processos anafóricos. Tomamos como fonte teórica para o estudo das funções discursivas o trabalho de Ciulla (2008), que objetivou estabelecer critérios que permitissem uma visão ampliada dos processos referenciais que não apenas revelasse funções, mas também levasse em conta a mutabilidade característica do processo de construção referencial e, portanto, suportasse constantes acréscimos e ajustes, conforme a observação das diversas situações de uso. Tal aplicação exige uma reorganização do quadro de funções, levando em consideração as características contextuais em que esses gêneros são praticados.

**Palavras-chave:** Referenciação; Processos referenciais; Funções discursivas.

### **INTRODUÇÃO**

Mondada e Dubois (2003) defendem que o acesso ao mundo acontece por meio de operações cognitivas e linguísticas, resultando da interação dos indivíduos entre si e com o mundo. Essa concepção revela uma visão dinâmica de categorização, que considera aspectos sociais e cognitivos na elaboração e produção dos enunciados. Nesse caso, o sujeito não é visto somente como decodificador, mas também como um sujeito sociocognitivo construtor do mundo.

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL, da Universidade Federal do Ceará (UFC), integrante do grupo PROTEXTO, orientado pela professora Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

Para as autoras, os referentes deixam de ser caracterizados como simples itens de retomada e passam a ser denominados de objetos de discurso, construídos e reconstruídos na dinâmica discursiva. Para Koch (2004: 61), a referenciação constitui-se em “uma atividade discursiva” na qual o sujeito, durante o processo de interação verbal, opera sobre o material linguístico podendo fazer escolhas significativas para representar estados de coisas.

Nessa perspectiva, há tipos diferentes de processos referenciais que ajudam os participantes da interação a construírem sua própria coerência dos textos que recebem ou que produzem (CAVALCANTE, 2011).

É nesse sentido que direcionamos a nossa pesquisa, tendo em vista que uma abordagem discursiva dos processos referenciais deva considerar não apenas a expressão referencial em si, mas o conjunto de elementos que os constitui. Pretendemos, em nosso artigo, ressaltar uma conjunção de aspectos que devem ser considerados para a análise dos processos referenciais. Partindo desse enfoque, julgamos necessário que haja uma rediscussão dos critérios utilizados para a análise das funções discursivas desempenhadas pelos processos anafóricos, tendo em vista que, a nosso ver, o quadro de funções discursivas apresentadas pelos trabalhos da área, ainda que dê conta dos tipos de função encontrados em gêneros literários e jornalísticos, não recobre certas nuances de gêneros como, por exemplo, o anúncio. Uma das constatações importantes de nosso trabalho é que nenhum quadro de funções dos processos referenciais estabelecido *a priori* pode encerrar em si todas as possibilidades funcionais de um texto de dado gênero, quando se tem em vista uma perspectiva sociocognitivo-discursiva.

Partindo da rediscussão dos critérios que devem ser utilizados na análise das funções discursivas dos processos anafóricos, consideramos a conjunção dos aspectos cognitivo-discursivos e a ampliação da concepção de anáforas, para, desse modo, formular o que, para nós, é a hipótese principal deste artigo: os critérios de análise das funções discursivas que as expressões anafóricas desempenham no gênero *anúncios publicitários* podem ser redefinidos, pois, para sua análise, deve ser considerada uma perspectiva cognitivo-discursiva, tendo em vista que a manifestação de uma função discursiva não se encerra em uma única expressão. Em outras palavras, podemos dizer que o desempenho que uma expressão anafórica apresenta no texto não ocorre de maneira pontual nem fixa, mas de maneira contínua e processual, de acordo com o gênero textual utilizado.

Tanto para a análise dos processos referenciais quanto para a análise de funções discursivas, devemos considerar diversas pistas dadas ao longo do texto. Precisamos agir como fazemos em uma construção, seguindo etapas, já que centrar a função discursiva em apenas uma expressão é permanecer em uma análise eminentemente formal.

Em nosso trabalho, observamos as funções discursivas dos processos anafóricos como critérios para diferenciá-los ou defini-los. Por isso, recorreremos à tese de Ciulla (2008), para quem os processos referenciais podem ser definidos em termos de funções que desempenham no discurso. Este não era, porém, o propósito da autora, que se ocupou de caracterizar diferentes funções que os processos referenciais poderiam exercer em textos literários. Mas foi essa proposta que nos motivou a relacionar o processo referencial a sua função discursiva, a fim de ampliar as definições dos processos referenciais que analisaremos, a saber: anáfora direta, anáfora indireta, anáfora encapsuladora e dêixis.

## **2. FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS REFERENCIAIS: NOVAS PERSPECTIVAS**

Como sintetiza Ciulla (2008), elaborar e reelaborar referentes requer a consideração de elementos linguísticos, de pistas extralinguísticas e, necessariamente, de muitas inferências, para que os participantes da interação pensem estar atentando para a mesma entidade, mesmo que tal referente não seja precisamente idêntico na mente dos interlocutores. Haverá sempre um viés de diferença no modo como cada um concebe e percebe as coisas.

Consideramos como referente o objeto de discurso que é ativado, mencionado ou reativado por expressões referenciais ou por outros elementos do contexto discursivo.

O *referente* é diferente de *significado*. Aquele nem sempre corresponderá à palavra que o expressa, ou seja, o objeto discursivo pode ser ativado por uma expressão cujo significado não corresponda ao significado do referente. Isso ocorre, por exemplo, com as anáforas indiretas, nas quais a retomada dos referentes realiza-se de maneira não correferencial.

Não podemos afirmar que o referente se encontra apenas nas expressões referenciais de maneira pontual, pois, a nosso ver, os elementos linguísticos estão imersos, assim como todos os outros elementos da situação extralinguística, no que

poderíamos chamar de entorno discursivo. Ressaltamos, então, que referente e expressão referencial manifestam-se no texto de maneiras distintas. Concordando com Ciulla (2008), acreditamos que a referência é um processo em que não se pode separar completamente o que é linguístico do que não é. Ciulla (2008) já discutira sobre o referente em sua tese:

O que podemos é inferir, a partir do texto, quais objetos estão sendo referidos, de que maneira, por quem, com quais intenções, etc. num cálculo que pode ser ajustado, conforme nos empenhamos na compreensão e de acordo com as outras pistas que nos vão sendo fornecidas à medida que o discurso se desenvolve. O fato de que as inferências que são autorizadas pelos elementos materiais do texto são essenciais para completar-lhes o sentido é uma evidência de que essas inferências fazem parte do próprio processo linguístico (CIULLA, 2008: 17).

Após termos em mente o que seja referente, outra discussão faz-se necessária: a forma como os referentes são ativados ou reativados no discurso. Observamos um campo vasto de pesquisas que abordam o tema. Somos adeptos das concepções que consideram que o referente pode ser ativado, não apenas pelas expressões referenciais, mas também pelo contexto sociocomunicativo, integrado pelos conhecimentos linguísticos, cognitivos e interacionais.

Ariel (1996), uma das autoras com as quais concordamos no tocante à questão da elaboração do referente, foi base da pesquisa de Costa (2007), para quem as expressões referenciais constituem apenas instruções ao destinatário sobre como este deve recuperar da memória parte de uma determinada informação. Aquelas expressões indicam quão acessível está esse pedaço de informação no discurso. Além de exercerem a função de orientar o coenunciador, ainda contribuem para a identificação do referente de outro modo: pelo próprio conteúdo informacional que comportam, geralmente.

Concordamos com as pesquisas que afirmam, assim como a de Cavalcante (2011), não existir uma associação previamente determinada entre as formas de expressões referenciais e os “lugares” de onde provém a base de conhecimentos relevantes para a identificação dos referentes. Não se pode, *a priori*, estabelecer uma relação fixa entre formas de expressão referencial e tipos de campos de onde se origina a informação que elas veiculam.

Em nossas análises, ao tentar encontrar o referente que está sendo ativado, recorreremos não apenas às expressões referenciais de maneira pontual, mas também às imagens, ao texto como um todo, aos aspectos extralinguísticos e

contextuais. Acreditamos que, utilizando essa concepção de referente, teremos mais possibilidades de análises. Em contrapartida, corremos o risco de nossa subjetividade limitar nossa análise a apenas um ponto de vista. No entanto, valemo-nos da própria concepção como base da análise, pois, como a pesquisa parte de um enunciador, este utilizará, na ação analítica, conhecimentos de mundo a serem compartilhados com o leitor.

Na busca pelo referente, os enunciadores instruem os coenunciadores a recuperarem os referentes não pela alusão à sua origem “geográfica”, mas, como afirma Cavalcante (2011), pela “sinalização”, também efetivada pelas expressões referenciais (mas não somente por meio destas), de como esses referentes podem estar mais, ou menos, acessíveis para eles.

## **2.1 ANÁLISE DAS FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS REFERENCIAIS**

Após o percurso que fizemos até aqui, entraremos no que podemos chamar de análise das funções discursivas dos processos referenciais. Fizemos um percurso, inicialmente, pelas definições dos processos referenciais que pretendemos analisar e discutimos os critérios utilizados pelos autores para definir tais fenômenos. Pudemos observar como ainda existem problemas em torno de algumas concepções, os quais se situam desde as flutuações terminológicas até as imprecisões definicionais. Muitas vezes, o limite entre a definição de um processo e outro é muito tênue. Isso poderíamos exemplificar com a diferenciação das anáforas diretas e indiretas.

O que distingue anáforas diretas e indiretas deveria ser a presença ou não da correferencialidade, mas, ao refletirmos sobre isso, também com base no pensamento de Ciulla (2008), verificamos que há controvérsias. Por isso, a autora afirma que a subdivisão em anáforas diretas e indiretas não se sustenta, tendo em vista que os dois tipos de anáforas podem constituir núcleos a partir dos quais diversas referências podem ser feitas, em procedimentos de recuperação, de reformulação ou de homologação de novos referentes.

Segundo Ciulla (2008), mesmo quando um item lexical é repetido, pode haver transformação, que é o que acontece na maioria das vezes, pois o entorno discursivo é elaborado de modo que os objetos de discurso evoluam, conseqüentemente, modificando-os. Podemos perceber essa ideia no seguinte exemplo:

(1) *Frango* xadrez simples

- 500g de *peito de frango* sem osso e sem pele cortado em cubos
- 1 litro de água fervente
- Sal e pimenta a gosto
- 3 colheres (sopa) de óleo vegetal
- 2 cebolas médias descascadas e cortadas em cubos
- 2 pimentões verdes cortados em cubos
- 2 copos de água
- 2 colheres (sopa) de amido de milho
- 1 colher (sopa) de açúcar
- 1/2 vidro de molho de soja (*shoyu*)
- 1 xícara (chá) de amendoim torrado

**Modo de preparo**

Preparo: 10 min › Cozimento: 20 min › Pronto em: 30 min

1. Coloque o *peito de frango* cru em uma peneira e por cima despeje a água fervente. Isto é só para que o *frango* perca o rosado, mas não cozinhe por completo. Tempere com sal e pimenta. Reserve.
2. Em uma panela grande, aqueça 1 colher do óleo e refogue a cebola e o pimentão até que estejam macios. Remova os legumes da panela e reserve.
3. Nesta mesma panela, acrescente o restante do óleo; quando estiver bem quente, frite o *frango* até dourar. Acrescente a cebola e o pimentão refogados e desligue o fogo.
4. Em outra panela, acrescente a água, o amido de milho, o açúcar e o molho de soja. Mexa sem parar até ferver e engrossar.
5. Junte esse molho ao *frango*, acrescente o amendoim e sirva com arroz.  
(Disponível em: <http://allrecipes.com.br/receita/2237/frango-xadrez-simples.aspx>)

Temos, a partir desse exemplo, um caso prototípico do que deveríamos considerar como anáforas diretas. A expressão *o frango* é retomada correferencialmente várias vezes ao longo da receita; esse constante retorno ao referente *frango*, faz-se necessário para que o leitor compreenda as instruções da receita. De fato, há necessidade, durante o preparo do prato, de retomar algumas vezes o termo, já que é aquele o ingrediente principal da receita.

Por outro lado, se analisarmos essas retomadas da expressão *frango*, poderemos afirmar que, a cada recorrência, temos um referente distinto; a cada expressão, mesmo quando se repete a mesma palavra, podemos perceber as transformações destas expressões que fazem com que o leitor, além de perceber a evolução do texto, possa sensorialmente ver a evolução da elaboração de seu prato.

No tópico 1 da receita, quando é escrito: “Coloque o *peito de frango* cru em uma peneira e por cima despeje a água fervente”, temos a recuperação do mesmo referente que aparece na lista de ingredientes. Logo em seguida, ainda no mesmo tópico, temos uma nova retomada: “Isto é só para que o *frango* perca o rosado, mas

não cozinhe por completo. Tempere com sal e pimenta. Reserve.”. Nesse caso, há a retomada do mesmo referente, mediante outra expressão. Esse processo continua a caracterizar-se como uma anáfora direta, pois o que conta para tal definição são os referentes retomados.

Mais adiante, temos novamente a expressão *o frango*: “Nesta mesma panela, acrescente o restante do óleo; quando estiver bem quente, frite *o frango* até dourar. Acrescente a cebola e o pimentão refogados e desligue o fogo”. Podemos observar que o mesmo referente está sendo retomado, mas de forma mais criteriosa, e, embora percebendo a evolução da receita, sabemos que este *frango* do tópico 3, na realidade, não é o mesmo do tópico 1, pois, como vimos na receita, este já foi escaldado e temperado com sal e pimenta. Por fim, temos, no último tópico, mais uma retomada correferencial de frango: “Junte esse molho *ao frango*, acrescente o amendoim e sirva com arroz. Mais uma vez, percebemos outra modificação do referente ativado pela palavra *frango*, este, agora, já seria um frango frito, bem douradinho, com cebola e pimentão. A nosso ver, isso torna este último referente sensorial e visualmente diferente do indicado pela expressão *peito de frango cru* cortado em cubos. Reflexões como esta, sobre os critérios definicionais das anáforas diretas, trazem à tona a existência de algumas imprecisões a respeito dos critérios definicionais que podem ocorrer nas demais anáforas. Com base no que temos, até o momento, na literatura da área, podemos tomar a busca pelo referente como ponto crucial para a identificação ou distinção entre um processo referencial e outro, saber diferenciar uma anáfora direta de uma anáfora indireta, por exemplo.

Ainda discutindo sobre os critérios definicionais dos processos anafóricos, temos nas anáforas indiretas outro detalhamento de definição que é semelhante e bastante utilizado por alguns autores como Kleiber (2001) e Schwarz (2000): trata-se do conceito de anáfora associativa.

Sobre essas duas definições de anáforas indiretas e anáforas associativas, há algo que é considerado como um problema para nós: a nomenclatura flutuante. Os autores citados aqui ora distinguem a anáfora indireta da associativa, ora têm os termos como sinônimos.

Não aceitamos, pois, uma definição bipartida dessas duas anáforas, mas, sim, uma definição escalar, na qual os níveis de inferência, estabelecidos pelo percurso cognitivo elaborado para a interpretação de uma anáfora, indicam em que grau de acessibilidade está a expressão anafórica.

Assim, podemos compreender, do que apresentamos sobre anáfora indireta, que elas possuem uma característica fundamental: sua âncora pode estar implícita, saliente na situação comunicativa ou recuperável pelos saberes compartilhados. Dessa forma, a anáfora não é apenas um mecanismo de manutenção de referentes, mas constitui um forte argumento de que a linguagem é interacional, valorizando, assim, a ação dos interactantes. A nosso ver, a marca caracterizadora das anáforas indiretas é a possibilidade de o antecedente da expressão anafórica nem sempre ser instanciado pelo texto, conforme exemplificamos, uma vez que o fenômeno anafórico, para ser interpretado, pode levar em conta outros fatores, além do linguístico, se adotarmos um ponto de vista sociocognitivo, discursivo e interacional.

Continuando nossa discussão sobre os critérios definicionais, temos outro processo que possui traços comuns aos das anáforas indiretas: as anáforas encapsuladoras. Assim como as indiretas, esses tipos de anáfora não são correferenciais e se instauram pela menção a um objeto de discurso ainda não citado no cotexto, traço este que as torna ainda mais semelhantes às anáforas indiretas. Porém, apesar das semelhanças, há uma diferença fundamental entre esses encapsuladores e os anafóricos indiretos propriamente ditos. Segundo Cavalcante (2011), a diferença é que as anáforas encapsuladoras resumem, “encapsulam”, conteúdos proposicionais inteiros, precedentes e/ou consequentes. Além disso, esse processo referencial não remete a âncoras bem pontuais, bem específicas, do contexto, mas a informações ali dispersas.

Podemos entender, concordando com a autora, que esses dois tipos de anáforas possuem características em comum, já que não são correferenciais. Podemos dizer, também, que o traço distintivo destas é o que define as anáforas encapsuladoras: resumem conteúdos precedentes ou subsequentes. Além disso, os encapsuladores participam fortemente da organização argumentativa do texto, pois sintetizam o enunciado em uma expressão e, ainda, por meio da expressão encapsuladora, fornecem informações que permitem ao leitor compreender a evolução do texto e o viés argumentativo escolhido.

Podemos confirmar nosso posicionamento sobre os encapsuladores também em Conte (2003: 177), em um dos estudos pioneiros sobre o assunto:

O encapsulamento anafórico é um recurso coesivo pelo qual um sintagma nominal funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente do texto. O sintagma nominal anafórico é construído com um nome geral como núcleo lexical e tem uma clara preferência pela determinação



demonstrativa. Pelo encapsulamento anafórico, um novo referente discursivo é criado sob a base de uma informação velha; ele se torna o argumento de predicções posteriores. Como um recurso de integração semântica, os sintagmas nominais encapsuladores rotulam porções textuais precedentes; aparecem como pontos nodais no texto. Quando o núcleo do sintagma nominal anafórico é axiológico, o encapsulamento anafórico pode ser um poderoso meio de manipulação do leitor. Finalmente, o encapsulamento anafórico pode também resultar na categorização e na hipostasiação (“hypostasis”) de atos de fala e de funções argumentativas no discurso.

Com isso, podemos concluir, segundo Cavalcante (2011), que, a partir de uma visão de referenciação que inclui a menção de expressões referenciais, podemos considerar que toda anáfora indireta deve apoiar-se em âncoras do contexto. Isso não exclui a possibilidade de aquelas remeterem, simultaneamente, a elementos da situação extralinguística e do conhecimento compartilhado. Assim, toda anáfora encapsuladora é um tipo de anáfora indireta, por também introduzir e mencionar no cotexto uma expressão referencial nova, apresentada como se fosse dada, por resumir conteúdos explicitados, o que também fazem as anáforas indiretas, em porções cotextuais anteriores e/ou posteriores.

Outros processos referenciais que apresentam pontos em comum são os encapsuladores e a dêixis, mais especificamente, a que Cavalcante (2000) chamava de dêixis discursiva. A semelhança entre as duas caracterizações reside no fato de que uma é situada do ponto de vista anafórico e outra, do ponto de vista dêitico; este é, justamente, o encapsulamento de proposições. Porém, as anáforas encapsuladoras são descritas apenas em função da recuperação difusa de porções textuais e os dêiticos textuais têm em conta não só e simplesmente o caráter resumitivo, mas também a presença de um elemento dêitico nas expressões, que assinala o ponto de origem do enunciador, indicando onde terminou sua última fala dentro do contexto (CAVALCANTE, 2011).

Pela proximidade de suas características, a dêixis textual é considerada, por autores como, por exemplo, Lyons (1977), como um fenômeno frequentemente confundido com a anáfora, pelo fato de não se levar em consideração que há diferença entre entidades linguísticas e não linguísticas, isto é, entre referentes que se aplicam a sentenças-texto e referentes que correspondem a qualquer outra entidade. Apesar das semelhanças, a diferença entre os dois processos se estabelece na separação entre *menção* e *uso*, respectivamente. Podemos observar isso em uma citação de Lyons (1977), na qual o autor comenta um exemplo prototípico:

Isto pode ser exemplificado por meio do seguinte texto: (X diz) Eu nunca o tinha visto antes (e Y responde) Isso é uma mentira. É claro que 'isso' não se refere nem à sentença-texto enunciada por X nem ao referente de qualquer expressão nela. Alguns filósofos podem dizer que se refere à proposição expressa pela sentença enunciada por X; outros, que se refere ao ato de enunciação, ou ato de fala (cf. 16.1), realizado por X. Todavia, sob qualquer dessas análises da referência de 'isso', sua função parece cair em algum lugar entre a anáfora e a dêixis, e partilhar das características de ambas (LYONS, 1977: 668).

Encontramos em Cavalcante (2011) algo que nos chamou a atenção: os processos referenciais podem assumir a função de outro processo referencial, caracterizado distintamente. Por exemplo, depois de a autora comentar sobre todos os subtipos de dêixis apresentados em seu trabalho, afirma que todos esses subtipos cumprem a função de anafóricos correferenciais, ou que poderiam também acumular funções de anafóricos indiretos e de encapsuladores. Se os processos referenciais podem ser definidos pela função que exercem no texto, então como diferenciá-los, em se tratando de definição e/ou distinção, já que tais processos estão assumindo funções que seriam próprias de outro processo?

Apesar da presente reflexão sobre as diferentes funções que os processos referenciais podem assumir, ou dos questionamentos anteriores sobre flutuações terminológicas ou limites tênues entre uma definição e outra, utilizamos, em nossas análises, os conceitos que são comuns aos autores de nossa bibliografia: Cavalcante (2003; 2009; 2011), Marcuschi (2001), Kleiber (2001) e Koch (2004). Por outro lado, fizemos toda essa reflexão não apenas para trazer problemáticas à tona, mas também para afirmar que consideraremos os conceitos aqui apresentados de forma ampla, no sentido de que a interação e seu produto sejam priorizados na compreensão de cada processo e no desvelamento de suas funções.

Toda essa discussão sobre os pontos divergentes e os pontos em comum levamos a refletir sobre como tais processos comportam-se dentro dos diferentes gêneros. Testaremos, em nossas análises, se esses processos desempenham funções discursivas inerentes às definições que lhes são atribuídas ou se, a cada gênero, assumem funções diferentes.

O que desejamos investigar é se uma anáfora direta desempenha a função de retomar um objeto do discurso mencionado anteriormente de forma a reativar o mesmo referente no decorrer do texto, como lhe é atribuído em vista da característica definicional, por exemplo. Para isso, as definições de cada processo referencial devem estar bem discutidas e estabelecidas nesta parte de nosso trabalho.

## **2.2 REDISCUSSÃO SOBRE OS CRITÉRIOS DE ANÁLISE DAS FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS REFERENCIAIS**

Partiremos desses pressupostos para compreender quais as funções discursivas que os processos referenciais desempenham. Temos como ponto de partida os estudos de Koch (2004), os quais se baseiam em Berrendonner (1986). O trabalho da autora apresenta as funções discursivas que são utilizadas como referências fundamentais em trabalhos realizados nesta área. São apresentadas as seguintes funções discursivas: (a) ativação/reativação na memória; (b) encapsulamento (sumarização) e rotulação; (c) introdução de informações novas; (d) organização macroestrutural; (e) especificação por meio da sequência hiperônimo/hipônimo; (f) construção de paráfrases definicionais e didáticas; (g) orientação argumentativa; (h) categorização metaenunciativa de um ato de enunciação.

Essas funções, assim apresentadas por Koch (2004), podem estar relacionadas a quaisquer processos referenciais, pois não era interesse da autora estabelecer relação entre funções discursivas e processos referenciais. Ao apresentá-las, entretanto, Koch (2004) preocupou-se mais com o aspecto discursivo, deixando de lado, a nosso ver, os processos referenciais propriamente ditos. O que estamos dizendo é que, em seu trabalho, Koch (2004) apresentou as funções discursivas dos processos referenciais sem dar ênfase aos processos referenciais.

Primeiramente, poderíamos acreditar que se tratava de um conceito específico, de uma definição ou de uma teoria, mas seu trabalho sobre funções discursivas estendeu-se apenas até este ponto. Foram enumeradas algumas funções, e estas foram atribuídas aos processos referenciais de maneira geral, ficando, assim, uma lacuna a que pesquisadores futuros, certamente, propor-se-iam a preencher com novas pesquisas. Assim é o caso da pesquisa de Ciulla (2008), na qual a autora aborda o tema das funções discursivas. Interessante é notar que essa autora também estuda a função discursiva dos processos referenciais sem partir destes. A autora não considera as definições subdivididas das expressões referenciais.

Para Ciulla (2008), anáfora, dêixis e introdução referencial ocorrem de maneira sobreposta, cumprindo múltiplas funções discursivas simultaneamente. A autora justifica seu posicionamento pela indefinição da classificação recorrente na

maior parte dos trabalhos que, de algum modo, tentam vincular a forma da expressão à sua função referencial:

Assim, consideramos que anáfora, dêixis e introdução referencial são, na verdade, parte dos processos referenciais, já que a sua determinação não depende exclusivamente das expressões em si, mas do uso dessas expressões e de como podemos interpretá-las, como numa espécie de jogo, em que, de um lado, está o enunciador que fornece pistas e indica um caminho e, de outro, o seu interlocutor, que reconhece traços e constrói a sua versão (CIULLA, 2008: 73).

Em nossa pesquisa, verificaremos como as funções desempenhadas pelos processos referenciais podem fornecer traços e características suficientes para defini-los.

Em nossas análises, utilizaremos como definição de gênero a que entende os gêneros como ação retórica tipificada baseada numa situação retórica recorrente, concordando com autores que defendem a noção de gênero “centrada não na sua substância ou na forma de discurso, mas na ação para cuja realização ele é utilizado” (MILLER, 2009a: 22).

Tal noção de gênero, ora apresentada, privilegia uma maior atenção às ações sociais, principalmente, e minimiza a questão formal do gênero. De acordo com Lima-Neto (2014), isso não deve ser desconsiderado, pois o autor acredita que, embora seja minimizado nos estudos retóricos de gênero, não significa que essas ações devam ser menosprezadas. No entanto, concordando com Miller (2009b), a estrutura “é um aspecto constituinte da ação [...], a ação é o que é significativo, e é na ação que criamos o conhecimento e a capacidade necessária para reproduzir a estrutura”.

Miller (2009a) fundamenta sua argumentação sobre modelos de autores da retórica, como em Fisher (1980<sup>2</sup> *apud* MILLER, 2009a: 26), que apresenta quatro níveis de constituição de gênero: a distinção de formas retóricas e outros tipos de discurso; a classificação de discursos dentro da retórica; as formas retóricas que são identificadas como gêneros; e as categorias de estilo.

Lima-Neto (2014) afirma que nós, como seres situados historicamente, dirigimo-nos a formas mais ou menos padronizadas para realizar certas ações em determinados contextos:

---

<sup>2</sup> FISHER, W. R. Genre: concepts and application in rhetorical criticism. *Western Journal of Speech Communication*, 1980: 288-299.

A partir do momento em que, nesses contextos, os seres humanos realizam mais ou menos as mesmas formas, pode-se dizer que elas são similares. O que justifica ser um aspecto social. Essas similaridades constituem-se-ão como um tipo. Quando se tornarem muito similares, o ser humano construirá um padrão de ação para ser utilizada em situações semelhantes. Essas ações situadas tipificadas são entendidas como gêneros (LIMA-NETO, 2014: 38).

Desse modo, podemos dizer que aprender um gênero não é simplesmente dominar uma forma e um meio para atingir determinado propósito, mas, sim, aprender até onde podemos ir e como agir em determinadas situações. Diz a autora em foco: “Aprendemos a entender melhor as situações em que nos encontramos e as situações potenciais para o fracasso e o sucesso ao agir juntamente. Como uma ação significativa e recorrente, um gênero incorpora um aspecto de racionalidade cultural” (MILLER, 2009a: 44).

Outro conceito importante a ser utilizado em nossas análises será o de propósito comunicativo, aspecto para o qual consideraremos o que diz Bhatia (1993):

O propósito comunicativo é inevitavelmente refletido na estruturação cognitiva interpretativa do gênero, que, de certa forma, representa as regularidades típicas de organização nele. Essas regularidades devem ser vistas como de natureza cognitiva, porque elas refletem as estratégias que os membros de um discurso particular ou de uma comunidade profissional tipicamente usam em uma construção e entendem que aquele gênero alcança determinados propósitos comunicativos. Essa estruturação cognitiva reflete conhecimento social acumulado e convencionalizado disponível para um discurso particular ou uma comunidade profissional (BHATIA, 1993: 21).

Para Bhatia (1993), a estabilidade de um gênero está atrelada mais à cognição do que à materialidade linguística. Segundo o autor, a cognição é a responsável tanto pelos propósitos comunicativos de um gênero quanto por sua forma de apresentação. Para elaborar um gênero, os indivíduos utilizam-se: de seu conhecimento social, de informações sobre o contexto de uso, do levantamento de hipóteses acerca do seu interlocutor etc., com o intuito de materializar esses dados em gêneros que permitirão alcançar os propósitos daquela interação específica.

Além disso, os gêneros são também construtos cognitivos, pois não têm idêntica circulação situacional em todas as culturas e nem devem ser reconhecidos socialmente da mesma forma no decorrer do tempo. Outro motivo, de acordo com Lima-Neto (2014), é o fato de que o gênero está localizado não exatamente num texto, mas na percepção do produtor e do receptor, nos modelos tipificados que cada um tem internalizados frente a uma determinada situação.

Esta noção de gênero que utilizaremos na presente pesquisa é mais voltada para como alguém realiza uma ação e responde a ela, ou seja, acreditamos que, na realização de um gênero, o que deve ser observado para sua identificação ou classificação é a função sociocomunicativa deste.

Essa é uma definição favorável aos nossos estudos, pois também privilegia os aspectos cognitivos e interacionais, sem descartar os aspectos formais, já que também fazem parte do processo de elaboração de um gênero.

### **2.3 ANÁLISES DO GÊNERO ANÚNCIO: ESTABELECENDO UMA RELAÇÃO ENTRE PROCESSOS REFERENCIAIS – FUNÇÕES DISCURSIVAS – GÊNEROS TEXTUAIS**

Após todas essas considerações sobre os principais assuntos que nortearam nossa pesquisa, realizaremos as análises, já embasadas por nós, que servirão para testar nossas hipóteses.

A análise das funções discursivas dos processos referenciais norteia-se pelos seguintes objetivos: saber se os processos referenciais podem ser definidos de acordo com a função que desempenham; identificar quais funções discursivas são realizadas pelos processos referenciais pelos quais optamos por trabalhar nesta pesquisa; observar se as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais são as já previstas em suas definições; verificar se existem funções discursivas mais recorrentes em determinado gênero; analisar, a partir do propósito comunicativo, se as funções discursivas seguem seu respectivo viés argumentativo e, por fim, verificar se as funções discursivas podem fornecer características ao gênero, ou se é o gênero que determina o desempenho dos processos referenciais.

#### **2.3.1 ANÁLISE DO GÊNERO ANÚNCIO**

Realizaremos agora uma análise com o intuito de desvelar novas funções discursivas que sejam diretamente relacionadas ao gênero anúncio.

Observaremos as diferentes relações que se atualizam no gênero anúncio publicitário. Partiremos do pressuposto de que o propósito comunicativo do anunciante, a saber, persuadir o consumidor, motiva a utilização de vários recursos que são revelados a partir do desempenho que as funções discursivas realizam nos textos. Nesse processo de persuasão e convencimento, os processos referenciais que

constituem o anúncio publicitário não são usados por acaso. A linguagem verbal e a não verbal formam um jogo de sentidos que objetivam atender a um propósito comunicativo. Desse modo, analisamos os anúncios a seguir com o intuito de compreender a relação existente entre os processos referenciais, as funções discursivas e o gênero textual.

Vejam os exemplos seguintes:

(2)



Fonte: Disponível em: <https://rafaellabotelh.wordpress.com/category/impressos/varejo/>.

O anúncio inicia com um texto escrito em um tipo de selo, representando a letra “o” do nome da loja, Belfort, no qual temos: “Líder de vendas Peugeot no Nordeste”.

Essa afirmação é sucedida pela oração de destaque do anúncio, por encontrar-se na parte superior e com letras maiúsculas e em tamanho grande em relação à página: “Conquistamos a liderança porque primeiro conquistamos você”. Temos na expressão *a liderança* a recuperação não correferencial da expressão “líder de vendas”, o que a caracteriza como uma anáfora indireta. Consideramos, neste caso, que esta expressão cumpre função de *recuperar um referente dentro do texto de forma não correferencial*. Já a expressão *você* apresenta-se como um dêitico com função de *dialogar com o leitor*, pois, neste ponto do texto, há uma ênfase na comunicação direta com o leitor. Temos, ainda, outro trecho: “A Belfort consolida a sua liderança em vendas por mais um ano graças à dedicação que ela oferece aos seus clientes. Sempre buscando a melhor negociação e o melhor atendimento. Sempre fazendo + por você”. Agora, temos as expressões *A Belfort*, *a sua*, *ela*, como anáforas diretas, recuperando correferencialmente os mesmos referentes, sendo,

respectivamente: Belfort, a liderança e Belfort. Estes cumprem a função de *manter o tópico discursivo e colocar o referente em destaque*. As expressões *seus clientes*, *a melhor negociação* e *o melhor atendimento* caracterizam-se como anáforas indiretas, cujos referentes encontram-se no conhecimento compartilhado com o leitor sobre o entorno discursivo de um universo de boas vendas. Consideramos que essas expressões cumprem função de *engajar o leitor no texto*, ou seja, fazer com que o leitor compreenda as informações do texto sem, necessariamente, o referente encontrar-se ativado no cotexto. No gênero anúncio, essa é uma estratégia argumentativa muito comum, pois o anunciante conta muito com o conhecimento de seus interlocutores como pressuposto para a interpretação das expressões referenciais presentes nos anúncios. Mais uma vez, temos a expressão *você*, que cumpre a função de *dialogar com o leitor*, pois, como um dêitico, refere-se ao esperado leitor do anúncio.

O exemplo (3) promove um evento de vendas de carros usados da marca BMW. Vejamos a análise:

(3)



**"Você sabe que não  
é o primeiro.  
Mas isso realmente  
importa?"**

**BMW Premium Selection  
Carros usados**

Fonte: Disponível em: <http://www.blogauto.com.br/bmw-voce-sabe-que-nao-e-o-primeiro-mas-isso-importa-mesmo/>.

Esse exemplo inicia com um enunciador que se dirige diretamente ao leitor por meio do pronome *você*. Esta expressão dêitica cumpre a idêntica função do olhar da modelo na imagem ao lado das palavras. Neste ponto, acreditamos haver uma intenção de aproximar o leitor dos referentes construídos no texto. Também a frase



feita *você sabe*, mais uma vez, chama o leitor para o texto e o envolve por meio deste, realizando um movimento dêitico. Ao mesmo tempo em que ativa na memória do leitor a ideia proposta pelo anúncio. A expressão inicial apela para a memória discursiva do leitor, pressupondo que ele reconheça exatamente o tema que está sendo abordado. Consideramos, então, que a expressão *você* cumpre a função de *dialogar com o leitor*.

Continuando a análise, temos a expressão referencial anafórica *o primeiro*, que apresenta no texto uma informação nova como se fosse dada (reforçando a expressão anterior “você sabe”). Caracteriza-se por uma anáfora indireta, que, neste caso, assume função de *engajar o leitor no texto*, o que é característica do gênero anúncio. Para essa mesma expressão, podemos dizer que cumpre função de *busca/ativação na memória*, conforme apresenta Koch (2004).

Além disso, há um terceiro movimento inferencial: quando lemos “o primeiro”, fazemos uma associação com a imagem da moça ao lado, com pose sensual. Esta, então, concretizaria mais uma função: *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

Ainda nesse exemplo, a expressão “o primeiro” também é indicativa de duplo sentido, pois, ao relacionarmos a imagem ao propósito do anúncio, que é vender carros usados da marca BMW, constatamos que, tanto no caso da moça, quanto no caso de um BMW, propõe-se que, mesmo sabendo que não será o primeiro, isso será irrelevante para determinado público. No caso da moça, deve-se ao fato de o referente de “o primeiro” estar relacionado com aquele que desvirgina. E, no caso do carro, refere-se à aquisição do veículo usado, por isso não é o primeiro. O anúncio prossegue, indagando se isso seria relevante, afirmando, com isso, ser compensador possuir um BMW ou a garota, mesmo não sendo os primeiros. Há, também, por trás desse anúncio, um discurso marcadamente machista, pois trata a mulher como um objeto a ser adquirido. Podemos, ainda nesta linha, afirmar que há o discurso capitalista de possuir um objeto, no caso, um veículo, para ser exibido como uma conquista, ou simples ostentação, mas este não é o foco desta análise.

Temos ainda o pronome *isso*, que sumariza a oração anterior “você sabe que não é o primeiro”, com função de *manter o tópico discursivo e sintetizar e retomar uma ideia já introduzida no discurso* e prosseguir com a ideia de que é irrelevante inaugurar um BMW, pois basta o privilégio de possuir um carro de luxo.

Vejam, a seguir, mais um anúncio que apela para o discurso machista e usa a imagem da mulher associada ao produto a ser consumido:

(4)



Fonte: Disponível em: <http://eugeniotonelli.blogspot.com.br/2014/04/case-campanha-devassa-2013-primeira-vez.html>.

O exemplo (4) também inicia com o pronome *você*, buscando uma aproximação com o leitor. Os elementos linguísticos deste texto constituem uma pergunta ao público, especificamente, o masculino, apresentando o discurso machista ainda bastante presente nos anúncios de cerveja. Essa expressão, neste caso, cumpre a função de *dialogar com o leitor*.

Atentaremos, em nossa análise, para a expressão referencial *sua primeira vez*. Esta expressão deixa abertas duas possibilidades de interpretação: ou seria a primeira vez a tomar uma cerveja da marca *Devassa*, ou seria um apelo sensual do anúncio indagando quando seria a primeira relação com uma mulher com características que definem o termo *devassa*. A nosso ver, as duas interpretações não apenas são válidas como também se complementam, tendo em vista que a função dessa expressão no texto é de estabelecer tal relação entre as duas possibilidades. É por intermédio dessa expressão que associamos a imagem da mulher à imagem da cerveja, deixando clara a intenção do anúncio de afirmar que a cerveja é tão desejável quanto a mulher, cumprindo a função de *promover duplo sentido*.

Além disso, o anunciante faz uma relação direta entre a cerveja e a mulher representada, na imagem, por uma atriz, e pela expressão *uma devassa*, que, no

texto, apresenta característica de anáfora indireta com função de *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

O anúncio que analisaremos a seguir também faz parte de uma campanha para o dia dos namorados. A princípio, não identificamos de que se trata o anúncio, pois, para sua compreensão, fazem-se necessários todos os elementos presentes no texto como um todo, desde os aspectos verbais aos não verbais.

(05)



Fonte: Disponível em: <http://www.mundodastribos.com/moveis-planejados-florense.html>.

Este é um caso em que a imagem apresenta-se como fundamental para a compreensão da ideia que o anunciante quer transmitir. Ele parece querer demonstrar que a marca mencionada de estofados, desde 1953, vem inovando e inspirando o dia dos namorados, o que nos faz intuitivamente relacioná-la à imagem de um casal sentado num sofá, cujo modelo é especificado, logo abaixo da imagem, pela escrita de *loft space*. Essa relação leva-nos a pensar o seguinte: de que modo um sofá poderia inspirar um casal de namorados? Podemos inferir, a partir das imagens apresentadas na expressão dos rostos e, ainda, a partir de todos os conhecimentos compartilhados, que os namoros mais tradicionais, ou de pessoas bem jovens, iniciam seus primeiros encontros no sofá da sala de casa, num ambiente bem

familiar. Por isso, há também a imagem de um garotinho que, certamente, está atrapalhando o namoro do casal, situação a se perceber pela expressão de descontentamento presente no rosto dos namorados.

Um dado interessante é que a roupa do garotinho tem os mesmos tons que a cor do sofá, o que nos permite fazer outra associação: quem está presente no primeiro encontro, o garotinho ou o sofá, ou mesmo ambos, já que a expressão e a imagem permitem as duas interpretações.

A nosso ver, nesse anúncio, o processo anafórico está sendo realizado pela associação da imagem com os conhecimentos compartilhados com o leitor, o que promoveria uma anáfora correferencial, visto que o referente, que, no caso, seria um “primeiro encontro”, está sendo apenas retomado. Consideramos, então, como expressão referencial o *primeiro encontro*, que é interpretada por conhecimentos que são ativados pela imagem e homologados no conhecimento compartilhado. Isso nos permite dizer que esta expressão cumpre função de *relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

Vejamos, a seguir, um anúncio de xampu:

(06)



Fonte: Disponível em: <http://www.fashionismo.com.br/2010/09/elseve-reparacao-total-5/>.

Temos, neste anúncio de xampu, a presença da expressão referencial “reparação”, que se caracteriza por demonstrar uma anáfora indireta com relação à

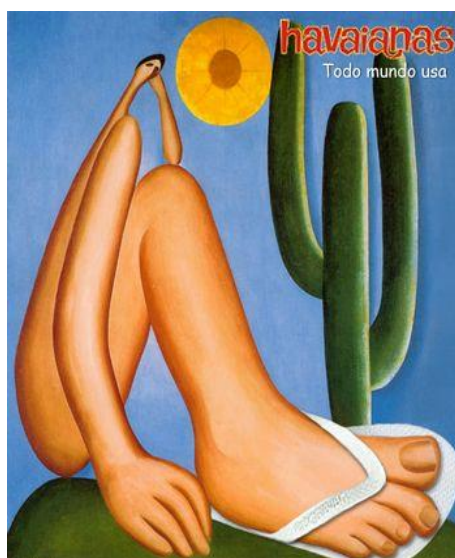
imagem e à logomarca. Essa expressão desempenha a função de *ativar referentes novos*.

A outra expressão a ser analisada será *5 problemas*. Essa anáfora correferencial realiza-se mediante uso de um hiperônimo. Refere-se aos cinco problemas a serem resolvidos com o uso desse produto. Os cinco problemas estão detalhados na lateral esquerda do anúncio: quebra, ressecamento, oleosidade, rigidez e pontas duplas. Essa listagem cumpre a função de *retomar uma ideia, atribuindo-lhe informação adicional*. Além de retomar as expressões, acrescenta aos elementos retomados informação de que são problemas, recategorizando-os.

Por último, temos a expressão *1 solução*, que atualiza uma anáfora encapsuladora com função de *ativar referentes novos*. No caso desse anúncio, o referente é o próprio xampu, que será responsável pela solução dos cinco problemas mencionados no texto. O produto também é promovido pela imagem da modelo com cabelos impecáveis e pelo detalhamento das vantagens do produto.

O anúncio a seguir é um exemplo em que o visual tem mais destaque que o verbal. Para melhor compreendê-lo, de modo a alcançar o propósito do anunciante, fazem-se necessárias algumas informações. Esse anúncio foi criado para a campanha das Havaianas em comemoração aos seus cinquenta anos. Para comemorar a data, além de criar uma campanha específica, a marca abriu uma loja em Miami, ainda em 2012. A expansão da marca para os Estados Unidos motivou a temática da campanha dos anúncios que fora intitulada “Havaianas pra gringo ver”.

(07)



Fonte: Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=43960>.

A intenção da empresa era passar a imagem das Havaianas utilizando imagens da arte brasileira. Além dos anúncios, foram elaboradas peças nas quais a arte ganharia destaque. A imagem utilizada neste anúncio foi inspirada na obra *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, um dos quadros mais importantes já produzidos no Brasil. Tarsila pintou um quadro para dar de presente para o escritor Oswald de Andrade, seu marido na época. Quando viu a tela, ele se assustou e chamou seu amigo, o também escritor Raul Bopp. Ficaram olhando aquela figura estranha e acharam que ela representava algo de excepcional. Tarsila lembrou-se então de seu dicionário tupi-guarani e batizaram o quadro como *Abaporu* (o homem que come). Foi a partir deste evento que Oswald escreveu o *Manifesto Antropófago*, e os artistas criaram o *Movimento Antropofágico*, com a intenção de “deglutir” a cultura europeia e transformá-la em algo bem brasileiro. Esse movimento, apesar de radical, foi muito importante para a arte brasileira e significou uma síntese do *Movimento Modernista brasileiro*, que almejava modernizar a nossa cultura, mas de um modo bem brasileiro.

Semelhante à ideia trazida à tona pela obra *Abaporu*, que era destacar a arte genuinamente brasileira, está a ideia que este anúncio pode revelar para o público do exterior – um produto que será divulgado fora do País sem perder os traços de sua origem.

Após essa contextualização de motivações e objetivos desse anúncio, queremos levantar alguns questionamentos importantes: será que, para a compreensão da publicidade, o leitor deve conhecer todas essas informações? Será que há um conhecimento mínimo para sua compreensão?

Não descreveremos aqui os aspectos cognitivos envolvidos nos processos anafóricos, pois isso exigiria um aporte teórico diferente do que estamos utilizando neste artigo. Mas observamos que qualquer abordagem da *Cognição* teria que considerar a instabilidade da negociação dos referentes na interação: o que pode ser compreensível para um indivíduo, para outro, pode não ser. Por essa razão, a construção do referente dependerá do conhecimento adquirido ao longo da vida, e isso difere de pessoa para pessoa. Não podemos deixar de frisar que um anúncio como este contempla um público bastante específico, pois não traz informações tão comuns. Evoca, sim, conhecimentos específicos sobre arte moderna brasileira e o fato de as Havaianas abrirem uma loja no exterior.

Todas as informações descritas podem ser inferidas por elementos presentes no anúncio; não criamos nenhuma dessas informações, apenas acionamos nossos

conhecimentos a partir de elementos do texto. Assim, nós, como leitores, também construímos, elaboramos e reelaboramos o referente. E, para os leitores que não detêm o conhecimento necessário para a recuperação de todas essas informações, os referentes são elaborados de outro modo, sem que se possam estabelecer as necessárias ligações entre todos os referentes evocados. Este é um exemplo em que o leitor tem grande participação na construção do referente, e isso, como já dissemos, serve para atrair a atenção do consumidor para um determinado produto.

Com isso, temos a frase *todo mundo usa*, que pode ser interpretada, minimamente, pelo fato de ser um produto utilizado em todo o mundo. Ou, até mesmo, relacionar a expressão com a imagem “todo mundo usa”, inclusive o Abaporu. Classificamos tal expressão como uma anáfora indireta, pois consideramos que a busca pelo referente realizou-se através dos elementos extratextuais e do conhecimento compartilhado com o leitor. Neste caso, a expressão, em conjunto com a imagem, desempenha as funções de *engajar o leitor no texto e relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais*.

### 2.3.2 AS FUNÇÕES DISCURSIVAS DOS PROCESSOS REFERENCIAIS NO GÊNERO ANÚNCIO

Apresentaremos o Quadro 1, a seguir, com as funções desveladas na análise desse gênero.

**Quadro 1** – Funções discursivas dos processos referenciais no gênero Anúncio

<b>Processos referenciais</b>	<b>Funções discursivas no Anúncio</b>
<b>Anáforas diretas</b>	- <i>destacar um referente no discurso;</i> - <i>relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais;</i> - <i>manter o tópico discursivo.</i>
<b>Anáforas indiretas</b>	- <i>promover duplo sentido;</i> - <i>relacionar os elementos não verbais aos elementos verbais;</i> - <i>promover uma recuperação prospectiva;</i> - <i>engajar o leitor no texto;</i> - <i>recuperar um referente dentro do texto</i>

<b>Processos referenciais</b>	<b>Funções discursivas no Anúncio</b>
	<i>de forma não correferencial.</i>
<b>Anáforas encapsuladoras</b>	- <i>ativar referentes novos;</i> - <i>sintetizar uma ideia.</i>
<b>Dêixis</b>	- <i>dialogar com o leitor;</i> - <i>relacionar os elementos não verbais com os elementos verbais;</i> - <i>definir o público-alvo.</i>

Fonte: Elaboração própria.

Realizamos esta análise com o intuito de relacionar processo referencial, gênero e função discursiva. Além disso, objetivamos verificar se as funções discursivas realizadas pelos processos referenciais, em um determinado gênero, são influenciadas pelo propósito comunicativo a ser alcançado.

Com os resultados, inferimos que o gênero, para alcançar seu propósito comunicativo, recorre a diversos recursos que podem ser linguísticos, cognitivos, textuais ou interacionais. O produto final, que é a realização da interação, é o fator dominante; logo, o gênero e suas características influenciam diretamente nas funções discursivas dos processos referenciais.

Verificamos também que, ao apresentar nos resultados de análise quais funções foram mais recorrentes no gênero anúncio, numa pequena amostra de alguns exemplares, estamos atendendo a um de nossos primeiros objetivos, que era verificar se existiam funções discursivas mais recorrentes em determinado gênero.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esperamos ter contribuído para a formação de novos critérios de análise para o estudo das funções discursivas dos processos referenciais, visto que constatamos que o desempenho dos processos referenciais varia a cada gênero.

Assim, em síntese, podemos alinhar as seguintes considerações finais, a partir dos estudos aqui apresentados sobre o processo de referenciação. A partir das nossas análises, verificamos que as funções discursivas que consideramos ser recorrentes no gênero anúncio podem ocorrer em quaisquer gêneros. Isso ocorre, pois uma função que promove a orientação argumentativa certamente ocorrerá em qualquer gênero que tenha a necessidade do engajamento do leitor com o texto. Com isso, podemos



afirmar que as funções discursivas são influenciadas pelo propósito comunicativo do gênero.

Além dessa valiosa constatação, conseguimos ainda refletir sobre outro questionamento: seriam as funções discursivas fornecedoras de características para os processos referenciais?

Por meio desta pesquisa, podemos afirmar que as funções discursivas desempenhadas pelos processos referenciais podem não apenas atribuir características, como podem também servir como critério definicional para os processos referenciais.

Sabemos que outras possibilidades podem ser extraídas deste estudo e esperamos que esta pesquisa possa ter contribuído para os estudos linguísticos no campo da Referenciação.

Encerramos este trabalho cientes de que não esgotamos as reflexões que podem ser feitas sobre os processos referenciais e as funções discursivas, bem como a relação destes com os gêneros textuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARIEL, Mira. Linguistic marking of physical givenness. In: *Second Colloquium on Deixis*. Nancy, 1996. Disponível em: <<http://www.loria.fr/~romary/Deixis/PapersDeixis>>. Acesso em: 23 maio 2009.
2. BERRENDONNER, Alain. Note sur la contre – inférence. *Cahiers de Linguistique Française*, 7: 259-277, 1986.
3. BHATIA, Vijay Kumar. *Analysing genre: language use in professional settings*. London and New York: Longman, 1993.
4. CAVALCANTE, Mônica Magalhães. *Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos*. 205 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
5. \_\_\_\_\_. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: UNICAMP. 2003.
6. \_\_\_\_\_. (Org.); BRITO, M. A. P. (Org.) ; CUSTÓDIO FILHO, V. (Org.) . *Anais do Encontro Internacional de Texto e Cultura*. 1. ed. v. 1. 2.140p. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

7. \_\_\_\_\_. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
8. CIULLA, Alena. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
9. CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães.; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190.
10. COSTA, Maria Helenice. *Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão*. 214 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
11. FISCHER, S. R. *História da Leitura*. Trad. Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, [1980] 2006.
12. KLEIBER, Georges. *L'anaphore associative*. Paris: PUF. 2001.
13. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
14. LIMA-NETO, Vicente. *Um estudo da emergência de gêneros no facebook*. 318 p. Tese (Doutorado em linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
15. LYONS, Jonh. *Semantics*. London: Cambridge University Press. 2.v., 1977.
16. MARCUSCHI, L. A. Anáfora Indireta: o barco textual e suas âncoras. Curitiba. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 217-258. jul./dez. 2001.
17. MILLER, Carolyn. Gênero como ação social. In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel *et al*. Recife: EDUFPE, [1984] 2009a, p. 21-44.
18. \_\_\_\_\_. Comunidade retórica: a base cultural do gênero. In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia*. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel *et al*. Recife: EDUFPE, [1984] 2009b, p. 21-44.
19. MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Biasi; CIULLA, Alena. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-52.

20.SCHWARZ, Monica. *Indirekte Anaphern in Texten*. Studien zur domängebundenen Referenz und Kohärenz im Deutschen. Tübingen: Niemeyer, 2000.

**ABSTRACT:** In this article, we reconsider the criteria that characterize the discursive functions of anaphoric processes from the analysis of advertisements, taking as its starting point the framework of functions suggested by Ciulla (2008). We assumed a cognitive-discursive perspective of referral, through which has been expanded the conception of anaphoras. A discursive approach for the analysis of referential processes must consider not only the referred expression itself, but also the set of contextual elements arranged to the sociocognitive-discursive negotiation of the referents. Based on this assumption, we believe it is necessary to conduct a rediscussion of the criteria used for the analysis of the discursive functions performed by the anaphoric processes. The main framework for the study of the discursive function is the work of Ciulla (2008), which aims at establishing criteria that allow a broader view of referential processes that could not only reveal functions, but could also take into account the characteristic mutability of the process of referential construction and that could, therefore, stand constant additions and adjustments, according to the observation of the diverse situations of use. This application demands a reorganization of the mentioned framework, considering the contextual characteristics in which these genres are practiced.

**Keywords:** Referral; Referential processes; Discursive functions.

Recebido no dia 25 de junho de 2015.

Aceito para publicação no dia 21 de julho de 2015.